

## 5

### Considerações finais

"Vocês acreditam que podem conhecer a si mesmos sem se construírem de algum modo? E que eu posso conhecê-los sem construí-los um pouco ao meu modo? E vocês a mim, sem me construírem a seu modo? Podemos conhecer apenas aquilo que podemos dar forma. Mas que conhecimento é esse? Talvez essa forma seja a coisa mesma? Sim, tanto para mim como para vocês; mas não a mesma para mim e para vocês. Tanto isso é verdade que eu não me reconheço na forma que vocês me dão, nem vocês, naquela que lhes dou. Além disso, a mesma coisa não é igual para todos e, mesmo para cada um de nós, pode mudar continuamente - e de fato muda sem cessar."

Luigi Pirandello

Talvez a alteridade não tenha sido explicitamente tematizada por Foucault em seus últimos livros e provavelmente em nenhum dos outros. De fato, a palavra alteridade só aparece no último manuscrito para a aula de 28 de março de 1984, no Collège de France. Na última frase ele escreve: "O que gostaria de insistir para terminar é isso: não há instauração da verdade sem uma posição essencial de alteridade. A verdade não é nunca a mesma. Não pode haver verdade que não na forma de um outro mundo e de uma vida outra".\* Essa aula não chegou a ser ministrada devido ao precário estado de saúde do Professor Foucault.

Pode ser que ele tenha trabalhado apenas no plano relacional ou intersubjetivo, mas assim como sua análise da moralidade greco-romana ainda não é a austeridade moral futura, mas apenas uma "semente"; vemos seus últimos escritos como um esboço da alteridade que vislumbramos aqui.

A proposta de Foucault nos dois últimos volumes da *História da Sexualidade* foi mostrar como foi "constituída, para o próprio sujeito, a experiência de sua sexualidade como desejo" (FOUCAULT, 1994, p.731). Na pesquisa histórica que executa pretende fazer uma "arqueologia das problematizações", analisar as maneiras pelas quais o ser humano reflete sobre o

---

\* "Ce sur quoi je voudrais insister pour finir c'est ceci: Il n'y a pas d'instauration de la vérité sans une position essentielle de l'altérité. La vérité, ce n'est jamais le même. Il ne peut y avoir de vérité que dans la forme de l'autre monde et de la vie autre". (FOUCAULT, 2009, p.311)

que ele é e o que ele faz, e, ao mesmo tempo, uma “genealogia das práticas” nas quais os homens fixam para si mesmos regras de conduta e se transformam a si próprios.

Ao examinar as regras de conduta que os antigos buscavam submeter suas práticas sexuais e os discursos elaborados para a compreensão dessas práticas, os volumes finais da *História da Sexualidade* cumprem seu duplo projeto. Não era interesse de nosso autor traçar a história dos comportamentos sexuais, muito menos uma história sobre as antigas ideias a respeito da sexualidade, mas apenas buscar e examinar “os discursos a partir dos quais os indivíduos compreendiam e governavam essa experiência sexual” (PRADEAU, 2004, p. 132). Empreende com isso definir uma nova subjetividade ética.

São três os eixos da pesquisa foucaultiana: o exame dos saberes através dos textos prescritivos que têm a sexualidade como objeto; o exame dos “sistemas de poder que regulam sua prática”; e finalmente o exame “das formas nas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade” (FOUCAULT, 1984b, p. 10). O terceiro eixo ocupa o essencial desses dois volumes visando produzir uma genealogia dos modos aos quais os indivíduos se constituíram a si mesmos como sujeitos de uma conduta sexual.

Nesse sentido também podemos falar de uma “genealogia das práticas de si” a partir do momento que o autor examina a elaboração ética dos sujeitos no intuito da transformação moral das próprias condutas. Origina-se em uma cultura de si - de um conjunto de práticas refletidas e problematizadas que dirige o trabalho de formalização cujo resultado é a constituição de si como sujeito ético - o trabalho ético do qual as práticas sexuais são, em última instância, uma experiência privilegiada, um modelo.

Essa cultura de si é o processo propriamente ético que Foucault denomina “subjetivação”. É o trabalho de si sobre si que vimos na análise do *Uso dos Prazeres*, ou seja, a “produção” do sujeito ético conduzindo-se de acordo com tal regime alimentar ou sexual, realizando uma ou outra forma de sexualidade ou determinada economia doméstica, e também imprimir à “substância ética” determinada forma, um certo estilo: o sujeito é uma obra.

Na análise da cultura de si antiga Foucault mostra que, contrariamente à concepção tradicional, a submissão da conduta sexual a tal austeridade não se

origina no cristianismo medieval. Observa que desde a Antiguidade clássica a moral sexual construída em temas como austeridade, domínio, ascese. Esses temas são as problematizações abordadas por nosso autor, eles ocupam e determinam um conjunto de práticas que tem no exercício espiritual, nas ascetes, seu maior grau. Tais “exercícios espirituais são todas as experiências prescritas pelas doutrinas filosóficas que o indivíduo pode fazer para se aplicar a si mesmo, tomar cuidado de si mesmo se transformando” (PRADEAU, 2004, p. 134). Os exercícios de autodomínio são a materialização do cuidado de si.

Esse trabalho do cuidado de si difere, nos diz Foucault, dos modos de subjetivação propostos pela pastoral cristã, mas conserva-se em toda tradição antiga como regra constante da reflexão ética. A prática de si dos estóicos é assimilável ao cuidado de si e autodomínio socrático mostrados nos diálogos de Platão. A continuidade do trabalho ético no qual alguém procura se transformar no sujeito moral da própria conduta é tema comum às doutrinas filosóficas da Antiguidade as quais se apresentam todas como modo de vida.

Nos já referidos volumes da *História da Sexualidade* nosso autor encontra a elaboração da “estética da existência” na qual o indivíduo se constitui, se elabora enquanto sujeito moral em três campos: a dietética médica, a economia doméstica e a erótica filosófica. Tanto no *Uso dos Prazeres* quanto no *Cuidado de Si* observa sucessivamente o conteúdo das técnicas relativas à relação consigo mesmo, depois a relação com os outros. Para cada um desses campos, textos prescritivos ensinam “técnicas de si”, exercícios que indicam condutas e práticas capazes de possibilitar ao indivíduo fazer de sua vida uma obra-prima.

Os *aphrodisia* são, assim, objeto de um conjunto de regras e de exercícios que formam o que Foucault nomeia “governo dos *aphrodisia*”. Resumindo a análise que desenvolvemos sobre o bom uso dos prazeres presididos pela estética da existência, podemos dizer que o prazer sexual, a “substância ética” sobre a qual se exerce a transformação de si por si, é objeto de um domínio, de uma austeridade que determina o indivíduo a uma abstinência e numerosas condições restritivas.

Mas tal austeridade não tem um caráter universal ou uniforme. Como Foucault insiste em nos lembrar, os gregos não procuraram definir um código de regras obrigatórias e também não buscaram organizar o comportamento sexual

como um campo derivado de um conjunto de princípios. “Em cada um dos campos onde a sexualidade se encontrava problematizada, o indivíduo podia encontrar exigências e regras de conduta diferentes” (PRADEAU, 2004, p. 135).

Assim, na erótica platônica o amor com os rapazes é submetido à obrigação de uma relação de dominação pedagógica que leve o jovem amado à verdade e à abstinência. Do ponto de vista da medicina, a temperança é prescrita por outros aspectos como as estações do ano ou o estado dos corpos. Para a economia doméstica é no intuito de manter a autoridade na casa e sobre a esposa que o marido deve exercer o autodomínio no uso de seus prazeres. Dessa forma, não é uma normatividade da conduta sexual, mas um conjunto de regras de conduta cuja oportunidade cabe ao indivíduo escolher e apreciar.

O argumento sobre o qual se desenvolve a *História da Sexualidade* é precisamente sobre ser a cultura de si tanto uma hermenêutica quanto um domínio. Pois os exercícios espirituais que compõem a cultura de si são, de modo indistinto, práticas de autodomínio e exercícios reflexivos de cuidado e de conhecimento de si. “O conhecimento de si que Sócrates professa e aquele a que servem os manuais estoicos de Epiteto ou de Marco Aurélio provém, uns e outros, do mesmo projeto hermenêutico” (PRADEAU, 2004, p. 136). Na cultura de si antiga, o exercício de transformação de si e a hermenêutica de si não têm distinção, bem como, Foucault ressalta, estilização ou estética da existência são expressões sinônimas.

A grande lição da *História da Sexualidade* é essa determinação estética da relação consigo mesmo, a concepção estilizada da transformação de si. A ética antiga era uma estética das condutas que reconhece ao indivíduo a autoria de sua própria subjetivação enquanto autonomia refletida, uma liberdade. No *Cuidado de Si* vimos, enfaticamente, que a relação a si deriva sempre da escolha livre e razoável do sujeito. Ao consagrar o conhecimento de si como a principal tarefa da ética, o *Cuidado de Si* dá à cultura de si sua forma acabada. Foucault observa uma variação significativa na cultura de si na última era helenística, mas vê também que ela deriva da tradição do autodomínio relatado já nos diálogos platônicos. “Trata-se da mesma cultura, da mesma estética da existência que ali simplesmente passa por suas últimas transformações e por seu acabamento” (PRADEAU, 2004, p. 137).

Nos dois grandes períodos analisados por Foucault: idade clássica, século IV, onde essa cultura se elabora; e os primeiros séculos de nossa era, o período imperial que notaram a cultura de si propender a um conhecimento de si mais caracterizado por um certo respeito pela esposa, uma reciprocidade e uma inquietação moral crescente acerca da atividade sexual. As problematizações e os modos de subjetivação mudam, no entanto, o fundamento da ética que é a constituição austera de si continua a mesma.

Os exercícios espirituais não tinham por fim levar alguém a forjar uma bela conduta, simplesmente. Tanto em Platão como entre os estóicos, trata-se de ordenar a conduta segundo o próprio princípio da Beleza, o que significa que o conhecimento em jogo aqui não é apenas o conhecimento de si, mas o conhecimento da natureza do mundo e daquilo que preside sua ordem. Pois em termos platônicos, só pode haver domínio e transformação de si se tomarmos conhecimento do inteligível, das formas inteligíveis das quais as coisas sensíveis participam. “Esse conhecimento, aliás, é mais condição que pré-requisito, ele é a própria ética: nosso comportamento tem a medida de nosso conhecimento teórico, de nossa capacidade de contemplar o que é” (PRADEAU, 2004, p. 141). Junto aos estóicos, a conscientização do indivíduo a respeito da própria liberdade não se sustenta na autonomia de sua razão, mas no fato de saber-se parte da razão universal, submetida ao Destino.

Foucault deliberadamente não aborda essa parte da filosofia antiga, o que lhe sujeita a diversas críticas: a desordem de campos e de discursos priva os exercícios espirituais de seu fundamento e de sua destinação teórica, além da desconsideração para com a subjetividade antiga ao vê-la simplesmente como obra livre de um eu autônomo. No entanto,

...o único meio de confundir as problematizações éticas da economia conjugal, da dietética médica e da erótica filosófica era negligenciar a especificidade teórica das filosofias antigas, que se concebem todas como modos de vida submetidos à compreensão da ordem do mundo (PRADEAU, 2004, p. 142).

A ética proposta por Foucault na *História da Sexualidade* não é a mesma da filosofia antiga. E segundo Paul Veyne, a grande crítica dos historiadores da filosofia a essa obra é de não reconhecerem ali seus gregos. De fato, o interesse de

Foucault não eram os gregos enquanto tais, mas traçar uma genealogia que servisse a elaboração de uma ética contemporânea, colaborar para o reconhecimento de novas práticas de si. Na ética antiga encontrou uma saída para a moral universal. “O recurso aos antigos serve apenas para encontrar as condições de possibilidade de uma ética de indivíduos que não seja uma moral individualista do voltar-se sobre si ou do retiro” (PRADEAU, 2004, p. 146).

São de ordem política as condições de possibilidade dessa ética, e esse é o outro aspecto do projeto. É no intuito de atualizar uma constituição de si estranha ao modelo jurídico, de uma lei geral que se impõe sobre todos os indivíduos que Foucault se volta à reflexão sobre os modos de subjetivação antigos. O argumento que perpassa ambos os livros é sobre a cultura de si ser uma ética da pluralidade de normas e de escolhas de modos de vida, contrariamente a uma moral voltada para a lei ou orientada por preceitos gerais.

Esse é justamente o deslocamento teórico de Foucault, que precisou “abandonar as problematizações das obras anteriores, interessadas na objetivação do sujeito, para pensar uma nova economia das relações de poder, dessa vez a partir da subjetivação” (PRADEAU, 2004, p. 147). Essa é a alternativa à “hipótese repressiva” de sua concepção do poder onde a *História da Sexualidade* é o modelo eleito para a análise sobre o governo das condutas. A compreensão do governo das condutas viria a libertar uma relação de poder tratada nos moldes de uma dominação-objetivação dos indivíduos.

No pensamento antigo o indivíduo era concebido como uma pluralidade, um somatório de relações e elementos às vezes conflituosos, o qual, na ordem ética das condutas, a subjetivação é justamente impor a esse material plural uma ordem e um equilíbrio de governo. Na ordem política das relações interpessoais o governo das condutas segue as mesmas exigências. É no intuito de escapar de da possibilidade de um indivíduo autônomo que Foucault insiste tanto na homogeneidade do indivíduo e da comunidade, no cuidado de si e dos outros. É também uma forma de combater o individualismo contemporâneo ao “conceber de maneira inédita a relação dos indivíduos e da comunidade social” (PRADEAU, 2004, p. 149).

A partir da leitura das escolas antigas, Foucault esperava conseguir substituir a concepção de poder do modelo jurídico moderno pela constituição dos

indivíduos através das tecnologias de governo das condutas, que além da questão do autogoverno é também governo da conduta dos outros. “Duas questões vinculadas que formam um pólo de articulação indivíduo-sociedade” (PRADEAU, 2004, p. 150). Os volumes finais da *História da Sexualidade* estão profundamente relacionados com as pesquisas políticas empreendidas por Foucault na mesma época e que foram recém lançados no formato dos cursos sobre a governamentalidade. As técnicas e práticas de si são o fundamento dos procedimentos e das técnicas reservadas à direção da conduta dos homens, que é a noção de “governo”.

Por ter sido Foucault, desde sempre, um pensador com preocupações voltadas ao Outro, em nosso trabalho, nos dedicamos ao exame da *História da Sexualidade* visando evidenciar a alteridade. Com o direcionamento apresentado por Ortega sobre o projeto foucaultiano, buscamos compreender como os laços de amizade podem constituir relações privilegiadas de experimentação de outras formas de relacionamento incompatíveis com os modelos individualistas e excludentes. É Foucault quem nos abre a possibilidade de pensar a amizade como espaço de experimentação capaz de irromper formas fixas de subjetividade e sociabilidade constituindo uma forma de resistência política representando um convite à alteridade numa relação experimental designada pelo compromisso irreversível com o outro. E deixemos com Foucault a palavra final:

Um modo de vida pode ser compartilhado entre indivíduos de idade, de status, de atividades sociais diferentes. Ele pode dar lugar a relações intensas que não se assemelham a nenhuma já institucionalizada e, me parece, que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética (FOUCAULT, 1994, p. 165).